

Educação Musical do aluno com deficiência cognitiva: um estudo de caso a partir de experiências em sala de aula

Crislany Viana Silva
crislany_viana@hotmail.com

Resumo: Este artigo é um recorte do trabalho final da disciplina “Tópicos Especiais em Música”. Tendo a educação musical como direito, como discurso e como instrumento de socialização de distintas pessoas. A pesquisa teve como objetivo identificar como a prática musical contribui para a socialização dos alunos com deficiência cognitiva, assim como perceber como eles reagem às aulas de música. Para isso, a pesquisa teve como estratégia o estudo de caso, que incluiu observações das reações de alunos com deficiência cognitiva em turmas de educação especial de uma escola de educação básica, da rede estadual de ensino. A partir da intervenção em sala de aula com práticas pedagógicas musicais baseadas no jogo musical, no canto em grupo e no movimento e entrevistas com as professoras dessas turmas, concluiu-se que a educação musical se constitui como uma importante ferramenta para o desenvolvimento da socialização de alunos com deficiência cognitiva, assim como para a aprendizagem de vários conteúdos.

Palavras chave: Educação Musical Especial. Deficiência cognitiva. Educação Básica.

Introdução

O interesse em pesquisar sobre a educação musical de pessoas com deficiência cognitiva surgiu durante a realização de um projeto desenvolvido no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), em uma escola estadual em que existem duas salas de Educação Especial. Durante o primeiro semestre de 2013, eu e mais quatro bolsistas planejamos trabalhar com essas turmas e, ao terminar este período, fiquei interessado em continuar com os trabalhos para, a partir deles, desenvolver este estudo.

Nessas duas turmas todos os alunos têm deficiência cognitiva e um deles, apresenta-se também com deficiência auditiva. Nesse contexto, optei por realizar o estudo de caso que tem por principal objetivo **identificar** como a prática musical contribui para a socialização dos alunos com deficiência cognitiva, assim como **perceber** como esses alunos reagem às aulas de música.

Como objetivos específicos, pontuo:

- ✓ Realizar um levantamento das características clínicas e comportamentais de cada aluno;

- ✓ Investigar como jogos musicais, canto em grupo e movimento podem contribuir para o desenvolvimento pedagógico e social dos alunos com deficiência cognitiva, a partir das observações feitas durante intervenções musicais em sala de aula;
- ✓ Analisar a concepção das professoras das duas salas de Educação Especial estudadas, em relação à importância das aulas de música para alunos com deficiência cognitiva.

Revisão de Literatura

O termo *deficiência cognitiva* começou a ser utilizado recentemente, no contexto educacional, assim como os termos deficiência intelectual e déficit cognitivo. Esta deficiência caracteriza-se “por um rebaixamento cognitivo e por dificuldades sociais em virtude do rebaixamento intelectual” (LOURO, 2012, p. 129). Segundo Vasconcelos (2004), o seu diagnóstico é definido com base na análise de três situações:

Início do quadro clínico antes de 18 anos de idade; função intelectual significativamente abaixo da média, demonstrada por um quociente de inteligência (QI) igual ou menor que 70; e deficiência nas habilidades adaptativas em pelo menos duas das seguintes áreas: comunicação, autocuidados, habilidades sociais/ interpessoais, auto-orientação, rendimento escolar, trabalho, lazer, saúde e segurança (VASCONCELOS, 2004, p. S71).

O acesso à educação gratuita aos educandos com deficiência é garantido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), no inciso III do Artigo 4º. Nele, lemos que

Art. 4º O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de

III – Atendimento educacional gratuito aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, transversal a todos os níveis, etapas e modalidades, preferencialmente na rede regular de ensino (BRASIL, 1996, p. 2).

O Capítulo V, Art. 59 dispõe de como deverá ser esse atendimento educacional que eles dão o nome de Educação Especial e a define como uma modalidade de ensino escolar para educandos com necessidades especiais, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino.

As Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica garantem o “acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da **criação artística**, segundo a

capacidade de cada um” (BRASIL, 2001, p. 16, grifo nosso). Dentre as áreas que constituem a criação artística está a música. Sendo assim, o aluno com deficiência também tem o direito de ter a música como um conteúdo em seu currículo. Além desse aspecto, outros fatores precisam ser considerados. Nas palavras de Louro,

A música pode ser um instrumento importante para se aprimorar a comunicação, com muita frequência assume aspectos de recreação e, certamente, é fonte comprovada de reabilitação. Mas, todas essas possibilidades em relação à música não excluem a importância da educação musical, vista como um processo pedagógico bem estruturado de alfabetização e sensibilização. Ainda mais que, dentro deste processo, além da aprendizagem musical em si pode-se observar a melhoria de vários aspectos da vida do indivíduo (LOURO, 2006, p. 27).

Como citado anteriormente, uma das principais características da pessoa com deficiência cognitiva é a dificuldade de interação social, em virtude do rebaixamento intelectual e este é justamente um dos aspectos que a educação musical pode auxiliar por promover a socialização. Para Plaisance (2003, p. 1), a socialização se refere ao modo como os indivíduos se integram na sociedade, adquirindo bons hábitos sociais e aprendendo a vida coletiva em grupos sociais constituídos, como, por exemplo, no interior dos estabelecimentos escolares. “As concepções contemporâneas insistem na construção do ser social e de sua identidade, através de múltiplas “negociações” com o seu entorno” (PLAISANCE, 2003, p. 2).

A vivência e a aprendizagem musical na escola constitui uma eficaz “negociação” com o entorno do aluno. Por meio dela, o aluno interage com os colegas, com o ambiente escolar, com o professor, com instrumentos musicais, com a sua e outras culturas. Isso porque a música é um discurso e como discurso é necessário que haja interação, troca de ideias. Para Swanwick,

A música é uma forma de discurso tão antiga quanto a raça humana, um meio no qual as ideias acerca de nós mesmos e dos outros são articuladas em formas sonoras. [...] Discurso é um termo genérico, útil para toda troca significativa. [...] Como discurso, a música significativamente promove e enriquece nossa compreensão sobre nós mesmos e sobre o mundo (2003, p. 18).

Por se tratar de um discurso, percebe-se que através da música, a comunicação pode ocorrer. Segundo López, essa comunicação pode ser verbal e emocional e “sendo uma forma

de comunicação, a música constitui uma das possibilidades de interação humana” (LÓPEZ, 1998, p. 13).

Assim, é possível inferir que, com a educação musical, há mudança na forma de agir de muitos alunos com deficiência que devido ao preconceito da própria sociedade, falta de apoio familiar ou por distúrbios causados por sua condição, têm dificuldades de interação. Louro (2006), inclusive, afirma que já teve alunos que “além de aprender conteúdos sobre música e mesmo ter um ótimo rendimento musical, passaram a ser mais comunicativos ou menos agressivos” (LOURO, 2006, p. 27).

Metodologia

Esta pesquisa é descritiva, com análise qualitativa e com características de um estudo de caso. Segundo Yin (2001, p. 32), “um estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro do seu contexto da vida real”. “No processo de recolha de dados, o estudo de caso recorre a várias técnicas próprias da investigação qualitativa, nomeadamente o diário de bordo, o relatório, a entrevista e a observação” (ARAÚJO *et al.* 2008, p. 14). Assim, a metodologia desta pesquisa constou de três etapas, descrita a seguir.

A 1ª etapa: Intervenção em sala de aula com práticas pedagógicas musicais, em que os alunos com deficiência participaram ativamente das mesmas. Os encontros aconteceram durante todo o primeiro semestre do ano de 2013, os primeiros três meses junto com os outros quatro bolsistas PIBID (Programa de Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) e depois eu continuei até setembro de 2013 com as atividades nas classes especiais da escola. As atividades propostas nos encontros semanais não tiveram como finalidade o ensino de instrumentos musicais ou teoria musical tradicional, mas enfatizaram o jogo musical, o canto em grupo e o movimento.

2ª etapa: Observação da reação dos alunos às práticas musicais e a escrita de um diário de bordo que foi analisado e constituiu a principal fonte de dados da pesquisa. De acordo com Araújo *et al.* (2008, p. 14), o Diário de Bordo “tem como objetivo ser um instrumento em que o investigador vai registrando as notas retiradas das suas observações no campo”.

3ª etapa: Entrevistas semiestruturadas com as duas professoras de Educação Especial da escola. Os depoimentos foram registrados com um gravador de áudio e,

posteriormente, transcritos e analisados e assim, contribuíram para os resultados finais da pesquisa. As entrevistas são de fundamental importância para o estudo de caso, pois ela “é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 134).

Como procedimentos éticos, todos os responsáveis pelos alunos, assim como as professoras das classes de educação especial e diretora da escola assinaram os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido e a Cessão Gratuita de Direitos de Depoimento Oral, para as professoras que participaram das entrevistas, garantindo, assim, a não identificação dos participantes, a autorização da execução do trabalho de pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo. Portanto, para a não identificação dos participantes da pesquisa todos os nomes de alunos e professores aqui citados são fictícios.

O presente estudo foi realizado em duas turmas de educação especial de uma escola regular da rede estadual de ensino. Em cada uma das Turmas existem dez alunos matriculados sendo que dois alunos da Turma A e dois da Turma B não estavam comparecendo às aulas por motivos alheios à nossa pesquisa. Então, no total, trabalhamos com 16 alunos, oito deles da Turma A e os outros oito alunos da Turma B.

Análise dos dados

Caracterização dos alunos da turma A

Ana tem 32 anos de idade, com laudo médico, retardo mental grave.

Bruno tem 38 anos de idade, seu laudo médico consiste em epilepsia, surdo-mudez não classificada em outra parte e perda não específica da audição.

Carolina tem 40 anos de idade, seu laudo médico é retardo mental não especificado e problemas na fala.

Gustavo tem 23 anos, com laudo médico relativo a doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas.

Lucas tem 37 anos de idade e tem como laudo médico o retardo mental grave.

Marcos tem apenas 20 anos e de acordo com seu laudo médico, tem retardo mental moderado.

Rafael tem 37 anos de idade e tem retardo mental não especificado.

Vitor tem 32 anos de idade e tem como laudo médico o retardo mental grave.

Caracterização dos alunos da turma B

Beatriz tem 24 anos de idade, seu laudo médico consiste em déficit mental e deficiência físico-motora.

Carla tem 30 anos de idade, seu laudo médico consiste em déficit mental.

Fábio tem 39 anos de idade, seu laudo médico consiste em déficit mental.

Jorge tem 37 anos de idade, seu laudo médico consiste em déficit mental.

José tem 26 anos de idade, seu lado médico consiste em déficit mental.

Mariana tem 27 anos de idade, e tem como laudo o retardo mental grave.

Pedro tem 35 anos de idade, seu laudo médico consiste também em retardo mental grave.

Rebeca é a mais nova da turma, 18 anos de idade, seu laudo médico consiste déficit mental.

O jogo musical

Os jogos trabalhados em sala de aula envolviam vários conteúdos para o desenvolvimento geral do aluno, como por exemplo, exploração, expressão e produção de sons com materiais sonoros, percepção sonora, sequenciação, memória a curto prazo, associação, lateralidade, atenção, regras, discriminação auditiva de timbres, senso de direção e confiança. Trabalhavam também conteúdos musicais como nomes de instrumentos, nome de notas musicais, pulso e ritmo, além de estimularem a socialização.

Em geral, os alunos foram muito receptivos, atenciosos e participativos. Jogaram e fizeram as atividades com desinibição, com exceção de Rebeca. Desde seu primeiro encontro percebemos sua timidez, falou e interagiu pouco, mas, com a ajuda e incentivo dos colegas, participava das atividades.

Nos jogos que trabalhávamos associação, alguns tiveram muitas dificuldades, pois a deficiência cognitiva gera déficit nesta área (LOURO, 2006, p. 112). Mas, quem mais se destacou nesse sentido foi Gustavo. Ele foi quem mais sentiu dificuldades, não estava conseguindo associar, nem sequenciar, mas, com a repetição e constantes explicações, ele foi entendendo e aos poucos, acertando.

No jogo intitulado “Caminho dos Sons” que consistia em seguir de olhos vendados o som de algum instrumento percussivo que estava sendo tocado por um dos colegas em algum lugar da sala, houve a participação de todos, inclusive de Bruno, que tem deficiência

auditiva. Escolhemos o instrumento com maior potência sonora e direcionei um aluno a tocá-lo com muita força, para que Bruno, sentindo as vibrações, conseguisse encontrar a direção. Todas as atividades propostas foram adaptadas para a sua inclusão, contribuindo, também, para sua socialização com os demais colegas.

Mesmo com as dificuldades encontradas entre os alunos das duas turmas, à medida que o jogo se repetia, era perceptível que eles se esforçavam mais, gradativamente. Interessante também foi notar a cooperação mútua. Quando alguém errava ou não entendia, estavam sempre se comunicando, tentando ajudar de alguma forma ao outro. Assim, os jogos se mostraram uma eficaz ferramenta de trabalhar a socialização.

Os jogos musicais se mostraram eficazes, também, na aprendizagem dos vários conteúdos citados, pois esses jogos “pelo conteúdo intrínseco de conceitos, motivam um aprendizado, introjetado via brincadeira” (GARCIA, MARQUES, 1989, p. 12).

O canto em grupo e o movimento

Essas duas atividades, nos encontros com as turmas, sempre foram exploradas juntas, pois, entendemos que para o desenvolvimento geral do indivíduo, a linguagem musical não pode ser vista separadamente da linguagem corporal. Nas palavras de López (1998, p. 1), “a linguagem musical e seus elementos constitutivos tem uma intrínseca relação com a linguagem corporal, ou seja, música e movimento estão intimamente ligados”.

Portanto, as canções foram importantes ferramentas para que os alunos aprendessem as sete notas musicais que eram lembradas em todos os encontros. Além disso, para a memorização das sete notas, levávamos a flauta doce para que eles solfejassem junto à flauta e também o teclado, instrumentos que eles tiveram a oportunidade de tocar a escala de dó maior. Ana, aluna que geralmente não participava das aulas, veio até a frente e tocou o teclado, interagindo assim, comigo e com o seus colegas. Essa, sem dúvida, foi a maior demonstração dos resultados do nosso trabalho. As canções estimularam a criação de gestos, movimentos e mímica que sempre eram feitos enquanto eles cantavam. Os alunos que têm dificuldade de fala como, Bruno, por ter surdez, Carolina e Ana conseguiam se expressar através desses movimentos e gestos, o que possibilitou uma maior integração com os outros colegas, afinal todos estavam se expressando em conjunto e de alguma forma, comunicando-se. Como menciona López, o

[...]trabalho musical impulsionará uma manifestação corpórea, ou seja, serão desenvolvidos o ritmo, a expressão verbal, a coordenação motora, a atenção, a concentração em uma atividade e, quando esta atividade for realizada em grupo, objetivará, também, a **socialização** e trará, implícita, uma conscientização de limites (LÓPEZ, 1998, p. 11).

Em algumas canções os alunos eram colocados em roda, batendo palmas no pulso da canção enquanto cada aluno, um por um, entrava no meio da roda para dançar. Isso impulsionou uma forte interação social entre os alunos, havendo a participação de todos eles. Como afirma López (1998, p. 18), “a motricidade humana pode trazer uma melhor interação do indivíduo com o meio social.” Assim, brincadeiras deste tipo, “favorecem a liberação de energias acumuladas, estimulam a criatividade, sociabilizam pelos contatos diários que aprofundam laços de amizade, suscitando [...] um relacionamento satisfatório com seus pares, familiares e professores” (GARCIA; MARQUES, 1989, p. 12).

A partir da análise dos dados, recolhidos do Diário de Campo e das Entrevistas com as professoras, pode-se perceber que, depois que começaram as intervenções musicais em sala de aula com os alunos com deficiência cognitiva, houve considerável avanço na socialização destes alunos, além de certo desenvolvimento em relação à aprendizagem de alguns conteúdos musicais e extramusicais. Segundo a afirmativa da professora A, “nossos alunos melhoraram bastante o comportamento, a relação de amizade com os colegas de sala, a aprendizagem e a memorização dos conteúdos dados.” Da mesma forma, a professora B declarou que “durante as aulas percebe-se que eles ficam bastante entusiasmados e felizes, participantes e coesos.” As declarações das professoras demonstram a eficácia da educação musical no processo pedagógico e no desenvolvimento geral do aluno com deficiência cognitiva. Ambas entendem a atividade musical como crucial para o desenvolvimento geral de todo e qualquer ser humano.

Conclusões

Ao finalizar este estudo de caso, apresento aqui algumas conclusões, retornado aos objetivos citados na introdução. O primeiro objetivo apresentado teve a intenção de fazer um levantamento das características clínicas e comportamentais de cada aluno a partir das observações feitas durante as intervenções musicais em sala de aula. A partir dessas informações foi possível entender que apesar de os alunos terem a mesma deficiência, em níveis de comprometimento diversos (mais graves ou mais leves clinicamente), cada um tem

reações e necessidades diferentes. Enquanto alguns são muito participativos, outros precisam de mais incentivo para participar das aulas de música.

O segundo objetivo específico que esta pesquisa buscou investigar foi como os jogos musicais, o canto em grupo e o movimento podem contribuir para desenvolvimento pedagógico e social dos alunos com deficiência cognitiva. De acordo com a análise dos dados, a reação dos alunos e as entrevistas semiestruturadas com as professoras mostraram que essas atividades musicais são instrumentos eficazes para o desenvolvimento da socialização dos alunos com tal deficiência. Tivemos exemplos de alunos, como a Ana e a Carolina, que, a princípio, demonstravam grande dificuldade em participar das atividades propostas e que muitas vezes se excluía do grupo, vindo a participar somente nos últimos encontros. As próprias professoras relataram a melhora do comportamento na relação com os colegas e, também, no processo de aprendizagem.

O terceiro objetivo visou analisar a concepção das professoras das duas salas de Educação Especial estudadas, em relação à importância das aulas de música para alunos com deficiência cognitiva. Nas entrevistas, as duas professoras demonstraram entender a importância da música no desenvolvimento geral de seus alunos, ressaltando a promoção da interação social, que foi o principal objetivo desta pesquisa.

Os resultados obtidos neste estudo de caso contribuíram para uma melhor compreensão da importância da educação musical como parte integrante do currículo da educação especial da escola básica, tendo em vista a música como um eficaz instrumento de socialização do indivíduo, neste caso, do aluno com deficiência cognitiva.

As reações dos alunos que foram observados e as entrevistas com as professoras serviram para ampliar o conhecimento sobre como a educação musical pode ajudar no desenvolvimento do aspecto social dos alunos com deficiência cognitiva e no aspecto pedagógico, no contexto da sala de aula, mostrando, assim, que a música além de educar, é capaz de desenvolver outros aspectos fundamentais para o ser humano.

Referências

ARAÚJO, Cidália *et al.* *Estudo de Caso*. Braga: Universidade do Minho, 2008.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. *Investigação qualitativa em educação*. Coleção Ciências da Educação. Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL. *Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica*. Ministério da Educação, 2001.

_____. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Dez.1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2013.

GARCIA, Rose Marie Reis. MARQUES, Lilian Argentina Braga. *Jogos e Passeios Infantis*. Porto Alegre: Kuarup, 1989.

LÓPEZ, Anna Lúcia. A influência das Músicas Infantis no Desenvolvimento Psicomotor da Criança. *Revista Brasileira de Musicoterapia*, Ano III, no. 4, 1998, p. 5-26.

LOURO, Viviane dos Santos. *Educação musical e deficiência: propostas pedagógicas*. São José dos Campos: Do Autor, 2006.

_____. *Fundamentos da Aprendizagem Musical da pessoa com deficiência*. São Paulo: Som, 2012.

PLAISANCE, Éric. *Socialização: modelo de inclusão ou modelo de interação?* Ago. 2008. Disponível em: <www.revistas.udesc.br/index.php/percursos/article/viewFile/1464/1236>. Acesso em: 16 jul. 2013.

SWANWICK, Keith. *Ensinando Música Musicalmente*. Trad. Alda Oliveira e Cristina Tourinho. São Paulo: Moderna, 2003.

VASCONCELOS, Márcio M. Retardo mental. *Jornal de Pediatria*. Porto Alegre: Vol. 8, n.2, p. S71-S82, 2004.

YIN, Robert K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Tradução: Daniel Grassi. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.